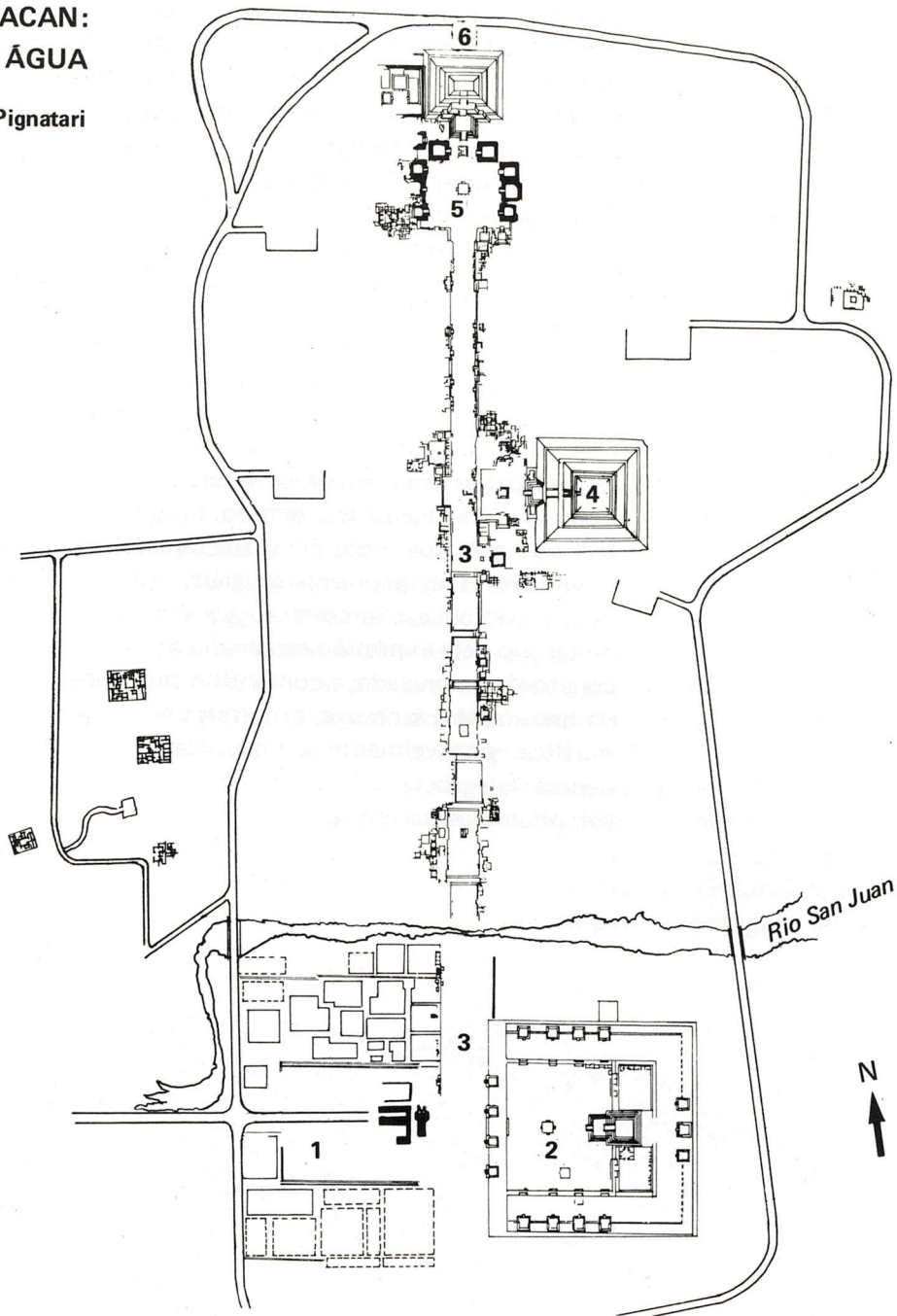


TEOTIHUACAN: O DESIGN DA ÁGUA

Décio Pignatari



- 1-2 – Cidadela e Templo de Quetzalcoatl
- 3 – Avenida ou Rua dos Mortos
- 4 – Pirâmide do Sol
- 5 – Praça da Pirâmide da Lua
- 6 – Pirâmide da Lua

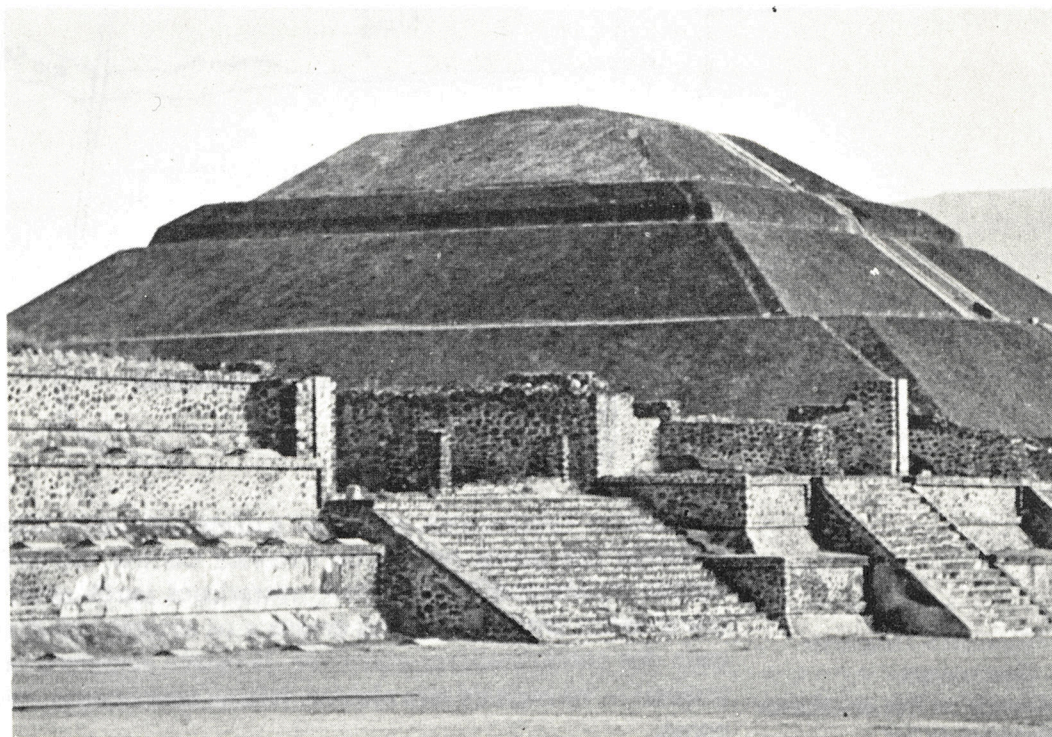
Enigmática Teotihuacan, a calada, a misteriosamente abandonada, a Delfos dos povos nahuas da América Central, 60 Km a NE da Cidade do México/Tenochtitlan; misteriosos teotihuacanos, etruscos situados entre os toltecas gregos e os aztecas romanos. À chegada dos conquistadores espanhóis, já estava abandonada – quase intacta! – há mais de sete séculos. Não se sabe porque, não se sabe como.

Teotihuacan não é simplesmente uma cidade sagrada, ou A Cidade dos Deuses, como é conhecida. O nome indica que ali os

homens se convertiam em deuses (e em náhuatl, transformar-se em deus também significa morrer/viver, pois que neste mundo apenas dormem e sonham, vestibularmente, os homens, para despertarem deuses no além: os homens, ou melhor, os humanos, *macehuales*, ressuscitam-se deuses/deusas).

Em verdade, Teotihuacan é a cidade fazedora de deuses e por eles criada. Como diz León-Portilla, "integrada por la raíz de *teuti*, diós, la partícula que indica causa, *tí*, y los sufijos *-hua*, de posesión y *-can*, de lugar, Teotihuacan valdría tanto como "lugar que tiene por propio transformar a uno em diós" (*). Por coincidência, deus, em náhuatl, é *teo*. Essa portentosa teópolis, uma das mais suntuosas cidades do mundo antigo, chegou ao seu apogeu no século V de nossa era, quando era habitada por uma população estimada em mais de 150 mil almas.

Não era uma cidade com templos, mas uma colossal cidade-templo, um gigantesco templo mágico a céu aberto (ou a céu fechado, pois que o céu lhe servia de teto, aquele céu que se encontrava com as águas dos mares, além, muito além, a Leste e a Oeste, dentro da concepção cosmológica dos nahuas, onde o universo era designado pela expressão *cemanahuac*, "o anel completo da água"), concebido, planejado e construído por ordem de muitas gerações de hierofantes, senhores, arquitetos e urbanistas de uma teocracia mirífica, possivelmente a mais notável que o mundo conheceu, depois da egípcia, com a qual tanto se aparenta: terra árida, água, sol, pirâmides, sacerdotes.



Pirâmide do Sol

Em Teotihuacan, porém, os enigmas se superpõem. Tais prodígios de civilização na América pré-hispânica, sabe-se, foram levados a cabo sem o concurso da roda; a essa quase-impossibilidade, some-se outra: foram realizados sem instrumentos metálicos, mas pedra (obsidiana) contra pedra!

Uma ideoteocracia comandou a criação de Teotihuacan — e a água comandou a mitoideologia. Caminhei por mais de dez quilômetros, subi e desci mais de 500 degraus. Ao longo da chamada Rua dos Mortos, de 4 Km de extensão e 45 m de largura, com a Pirâmide da Lua, ao Norte, e a grande Pirâmide do Sol, a Leste; pelas escadarias das pirâmides maiores, das plataformas numerosas e das pirâmides menores, como as da Cidadela e do Templo de Quetzalcoatl, já ao sul do Rio San Juan; pelas bordas dos tanques em que se transforma a Rua dos Mortos, uma sucessão de eclusas a meio caminho entre os setores norte e sul, já a esta altura num desnível de 27 m em relação à Praça da Lua, ao Norte, e que vai como que desaguar no rio San Juan de hoje, desviado naquele tempo, dando assim um primeiro término a essa Calle Mayor, a essa Via Maxima, a Grande Via Pública de Teotihuacan, que prossegue imponente até a Cidadela, à esquerda, e o chamado Grande Conjunto, à direita, provavelmente um grande centro comercial, hoje totalmente desaparecido. Mas porque foi o rio San Juan desviado para acoplar-se à Rua dos Mortos?

Estes degraus não são degraus para gente, mas para mais-do-que-gente (= deuses) e para quase-deuses (= sacerdotes); a avenida central da cidade, a Rua dos Mortos, mais parece um grande canal (as vielas que a cruzam terminam em muros e cinturas de pedra); o complexo da chamada Cidadela mais parece configurar um sistema de banhos públicos, e . . .

Sim, é isso. Teotihuacan inteira foi construída à base de par-morfismos icônicos de natureza hídrica e aquática. Onde, na língua, houver TL, ou ATL, ou simplesmente A, aí haverá água, obra e mercê de Tláloc, o deus da água e da chuva (não por acaso, os seus sacerdotes, os *tlaloques*, se diziam representantes das nuvens). De outra parte, Tláloc é manifestação do deus primevo Ometéotl, o deus da dualidade, o deus diádico, na dialética náhuatl — o *ying-yang* das culturas cosmogônicas da Meso-América.

Eis por que, por exemplo, nos relevos dos frisos do templo de Quetzalcoatl, a famosa serpente de plumas aparece de frente e de perfil. Serpente, quando é rio; emplumada, quando voa, quando vem do ar, chuva; o “macaco” que junto a ela comparece não é senão Tláloc na espiga de milho, mas com a presença dos signos opostos, sol e fogo: gotas douradas de água revestindo a forma fálica da espiga fecundadora, que, seccionada transversalmente, exhibe um ícone do sol, signo-alimento à imagem e semelhança do sol e por ele enviado (“Senhor/Senhora de nossa carne/sustento”, assim é invocado o supremo deus duplo). Dois círculos concêntricos: a ilha (terra) na água. Ou o pingo d’água. Ou orifício: de cisterna, do corpo humano, umbigo, internamente (artérias, sangue,

rio), e externamente. México/Tenochtitlan é uma civilização lacustre, veneziana. Não por acaso, na história mítica de sua fundação, o líder dos *mexicas* migrantes, em busca da Terra Prometida, viu numa ilhota uma águia comendo uma serpente. Era o sinal indicado na profecia. Água e águia, começa a civilização asteca, os guerreiros talvez sobrepujando os tloques. As escadarias são também cascatas; por elas sobe e desce o deus da água, das nuvens ao rio, do chão ao céu. Ou melhor, são antes feitas para que as águas da chuva desçam por elas, pois para subir as águas voam (vapor d'água/nuvem/algodão).

A Rua dos Mortos era, isto sim, o Rio dos Mortos. Ou o Leito do Rio dos Mortos (ou dos Deuses). No templo de Quetzalcoatl, búzios e caramujos com asas. O sistema lacustre do planalto mexicano é formado de águas salgadas; búzios e caramujos eram e são ali encontrados. Como chegaram à região? Voando. Como as águas.

Imagine-se a festa teotihuacana em dia de chuva. As águas escorrendo pelas escadas das pirâmides e plataformas para a rua-rio; as escadarias menores funcionando como afluentes do rio nascido do sol e da lua; os tanques-reservatórios acumulando água; o povo afluindo para a avenida, cantando e dançando. E a rua-rio, icônico-simbolicamente, indo desaguar e alimentar o rio natural, o San Juan, de hoje, o San Tláloc de ontem.

Teotihuacan, espantoso coletor-reservatório de água. Formidável máquina mágica para produzir água de chuva. Armadilha para deuses. Teriam os teocratas convencido a população a abandonar a cidade, a fim de que só os deuses a ocupassem e, supremamente satisfeitos, produzissem continuamente as águas desejadas? Ou, após uma grande seca, teria a população se rebelado contra os fracassados sacerdotes, unindo-se aos ambiciosos *mexicas* astecas e deslocando-se para os lagos onde um dia surgiria Tenochtitlan?

Com os astecas, passou-se da água de Tláloc para o sangue de Tonatiuh, "aquele que faz o dia". Rios são veias da terra, veias são rios do corpo. Os deuses se haviam sacrificado para que os homens não pudessem de vez, ao encerrar-se o apocalipse do Quarto Sol, ou Era. Homens agora precisam ser sacrificados ao deus-sol. Da água passou-se ao fogo. Cortez, um punhado de homens, metais não-áureos e não-argêntos, pólvora e uma nova ideoteocracia chegaram de algum céu do destino e acabaram com quase tudo em poucos anos. Dando início (ou fim?) ao Quinto Sol, que é a era em que estamos. Ou em que eles estavam.

(*) Leon-Portilla, Miguel — *La filosofía nahuatl*, México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1979, p. 298.

Obs.: Este trabalho é um capítulo do livro *Semiótica del arte y de la Arquitectura*, a ser publicado proximoamente por G. Gili, Barcelona.